



UNICAMP

P46.11

**EVENTO:** Companhia de Dança de Lisboa  
Coreógrafa Olga Roriz

**VEÍCULO:** FOLHA DE SÃO PAULO

**DATA:** 20 de abril de 1994

**PÁGINA:** 5 - 4

**SEÇÃO:** ILUSTRADA



LISBOA CAPITAL DA CULTURA

# Olga Roriz estréia espetáculo que vem ao Brasil

**JAIR RATTNER**

Especial para a *Folha*, de Lisboa

O espetáculo "Introdução ao Princípio das Coisas", que estreou na semana passada em Lisboa, estará no Brasil em maio (12 a 15 no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, e 17 e 18 no Rio).

Foi criado para a Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura pela coreógrafa Olga Roriz.

O espetáculo segue a linha da dança contemporânea que tem caracterizado a Companhia de Dança de Lisboa desde 93, quando passou a ser dirigida por Olga Roriz.

Um dos pontos que pode causar rebuliço na conservadora sociedade portuguesa é o fato de uma das bailarinas fazer o espetáculo inteiro com os seios nus.

Considerada uma das melhores coreógrafas portuguesas, Olga Roriz fez parte do elenco do Ballet Gulbenkian, o mais importante de Portugal, durante 16 anos.

Como coreógrafa, seus maiores sucessos foram obras de temas pouco comuns na dança, como as "Três Canções de Nina Hagen", "Terra do Norte" e "Treze Gestos de um Corpo".

Já trabalhou no Brasil com o Teatro Guairá em Curitiba e apresentou coreografias suas com o Ballet da Fundação Gulbenkian.

Fora de Portugal, coreografou trabalhos do English National Ballet, do Ballet Lírico Nacional da Espanha e do Ballet de Monte Carlo, de Mônaco.

As vésperas da estréia em Lisboa e da turnê internacional que, depois do Brasil, vai para a Alemanha e Israel, a corógrafa concedeu esta entrevista à *Folha*.

★

**Folha - O que o público pode esperar deste espetáculo?**

**Olga Roriz** - É uma reunião de elementos visuais, literários, fílmicos, em que cada um dos participantes compilou memórias de

infância, encontros e emoções. Eu apenas geri esses elementos.

A partir deles, começamos a trabalhar individualmente. As personagens partiram de pessoas reais e nos ensaios, criamos nossas próprias ficções.

Apenas uma personagem passa por todo o espetáculo: o anjo de Wim Wenders. Ele funciona como ponto de ligação entre todas as personagens.

**Folha - As músicas também surgiram do grupo?**

**Olga** - As músicas foram manipulação minha. Todas as personagens, com exceção do anjo de Wim Wenders, têm música clássica ou operística. O anjo tem música de percussão.

**Folha - Por que você optou por esta forma de trabalho?**

**Olga** - Eu queria fazer um trabalho individual com os bailarinos. Esta idéia veio fazer com que eles se empenhassem no espetáculo. Eu manipulei as sugestões que eles trouxeram.

Eu vou pôr em palco o prazer que os bailarinos podem ter. Não só suas capacidades físicas, mas suas vivências e experiências, para que possam estar muito mais comprometidos com o espetáculo.

**Folha - Pelo ensaio, parece que sua visão é que existe sempre uma violência na relação entre o homem e a mulher.**

**Olga** - Eu diria mais um confronto, um conflito. Eu acho que, dos meus trabalhos, este é o que tem menos conflitos. Isso tem a ver com minha personalidade e com o grupo de pessoas com que estou trabalhando.

**Folha - Você já trabalhou no Brasil. O que você acha da dança no Brasil hoje?**

**Olga** - O Brasil tem muito bons intérpretes e poucos coreógrafos. Tem uma base de trabalho fantástica.



Cena do espetáculo que a Companhia de Dança de Lisboa vai apresentar no Brasil em maio

## Grupo mescla referências

Especial para a *Folha*, de Lisboa

Neste segundo espetáculo que dirige para a Companhia de Dança de Lisboa, Olga Roriz utilizou um método que se aproxima da criação coletiva.

Cada bailarino trouxe textos, memórias e imagens de filmes que o marcaram e sobre essa base a coreógrafa trabalhou.

Mesmo reunindo personagens como Joana Carda —do livro "Jangada de Pedra" de José Saramago—, o anjo, criado pelo cineasta alemão Wim Wenders para o filme "Asas do Desejo", "O Guardador de Rebanhos", do heterônimo pessoano Alberto Caeiro, "Mahabharata" de Peter Brook, e cartas pessoais, o espetáculo mantém um fio de continuidade.

Criada com o objetivo de divulgar a dança pelo país, a Companhia de Dança de Lisboa realizou mais de 80% de suas apresentações fora da capital portuguesa.

Mesmo independente, a companhia vive de subsídios estatais. Este ano, apesar da inflação, a quantia que recebeu foi a mesma que em 93.

O que ajudou foi a encomenda da Capital Cultural, que colocou perto de US\$ 30 mil nos cofres da companhia. "Com esse dinheiro deu para montar o espetáculo e até ajudou a manter a companhia", revela Olga. (JR)